

MEMÓRIA “ARQUIVADA” – PESQUISA EM ARQUIVOS PESSOAIS

Juliana Cristina de Carvalho¹

Resumo: No interior de um arquivo e de pertences de uma determinada pessoa está conservado um pouco de sua vida, sua história, sua memória. O arquivo é uma reunião de documentos, objetos, que refletem as atividades e os pensamentos de um sujeito. Neste trabalho, ressaltaremos como uma pesquisa apoiada em fontes primárias pode contribuir no processo de conhecimento de um escritor e, até mesmo, de sua trajetória literária. Os arquivos que estudamos é do escritor Achilles Vivacqua, localizado no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

Palavras-chave: Arquivo; Memória; Vivacqua; Modernidade.

A memória é elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.


(Jacques Le Goff)²

A título de iniciação do presente ensaio, será exposta uma breve apresentação do objeto de pesquisa aqui estudado: o arquivo e os documentos presentes no mesmo do escritor Achilles Vivacqua. Trata-se de uma trajetória de pesquisa e de descobertas acadêmicas já relatada na nossa dissertação de mestrado, realizada em 2013, que aqui, por considerarmos importante, resgataremos (CARVALHO, 2013, p. 8-10).

No percurso da graduação na Faculdade de Letras da UFMG, e, em seguida, no mestrado, fui bolsista de iniciação científica, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Constância Lima Duarte e, já graduada, bolsista de apoio técnico, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Eneida Maria de Souza. O meu local de pesquisa, durante os períodos apresentados, foi o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, órgão complementar da universidade já citada. O referido espaço foi planejado para abrigar bibliotecas, pertences, documentos, escritos, de autores nascidos em Minas Gerais, ou que consolidaram as suas vidas literárias no citado estado. Uma maneira de conservar a memória e a história de nomes

¹ Mestre em Literatura Brasileira (Faculdade de Letras- UFMG), doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC- MG). Contato: jujucris@gmail.com.

² LE GOFF, Jacques. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.



da nossa literatura, brasileira e mineira. Um espaço de conservação memorialística importante.

Precisamente em dezembro de 2006 o Acervo recebeu a doação de três caixas contendo documentos e material biobibliográfico de um escritor chamado Achilles Vivacqua (1900-1942). Os autores da doação foram os filhos de Eunice Vivacqua, irmã do escritor, falecida no dia 13 de julho de 2006, atendendo ao pedido que ela havia feito em vida. Como bolsista, fui encarregada de receber, tratar, registrar e organizar todo o material recebido.

Apesar de herdeira da “fortuna” do poeta, conforme relata a própria Eunice em um documento (sem referência ao local e data, presente no acervo), muito se perdeu. A família de Achilles, preocupada com uma possível contaminação, ao ficar em contato com os pertences do poeta — este faleceu de tuberculose e todos temiam pegar a doença por meio dos objetos do escritor —, doou seus pertences ao Sanatório do Morro das Pedras. Em carta enviada a Dina³ (essa é a forma como essa é identificada), em 8 de outubro de 1972, Eunice menciona o fato aqui exposto:

[...] Após a morte do meu irmão, os demais membros da família, com medo da ‘venerável doença do peito’, doaram todos os seus pertences para o Sanatório do Morro das Pedras; a maleta com os manuscritos inéditos e publicados, livros, coleções de revistas, móveis, roupas etc.


Indignada, com a intenção de recuperar o que lhe foi dado, foi ao sanatório. Mas não conseguiu recuperar todo o material. Muito se perdeu, infelizmente, após a doação. Ela, assim, levou o que conseguiu resgatar ao hospital Santa Casa de Misericórdia para uma desinfecção, para, por conseguinte, tomar posse do que lhe era de direito, conforme a vontade de seu irmão.

É esse material recuperado que chegou a nossas mãos.

Por meio desses documentos, objetos etc. é possível resgatar um pouco a memória de um escritor e de um movimento importante: o movimento modernista mineiro, do qual Achilles participou.

Durante o processo de organização e leitura das caixas, observamos a forte ligação entre o escritor e sua irmã e o respeito e cuidado dessa para com a sua imagem e

³ A carta citada pertence à Coleção Especial Achilles Vivacqua, do AEM, na Série Correspondência Pessoal.




memória e, também, de sua família — fato esse que pode ser constatado por meio dos trabalhos de restauração, encadernação e de preservação dos pertences de seu irmão e da família Vivacqua —. O cuidado com os documentos presentes no acervo, publicados no livro *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, de Eunice Vivacqua, demonstra a riqueza do material que foi preservado. Além do trabalho e da preocupação em restaurar o que lhe foi dado, percebemos também uma preocupação e vontade em divulgar Achilles Vivacqua; em carta revela que tinha de fazer com que seu irmão e suas publicações fossem levados às mãos de todos. Antes de falecer, já pressentindo sua morte, Achilles disse à irmã, como ela relata em ofícios e em sua obra, que todo o acervo literário e pertences ficariam para ela e pediu- a que divulgasse seus inéditos, o seu projeto literário; tarefa essa que ela abraçou e se empenhou para tentar concretizar.

Para lembrar o conceito de Derrida⁴ sobre o arquivo, ela exerceu as funções de um “arconte” (guardião de documentos). Preocupou-se em restaurar, recuperar, preservar a memória de seu irmão e de sua família. E além de seus horizontes familiares também, pois atuou como restauradora de bens culturais durante um longo tempo.

É inegável e indiscutível que dentro de um arquivo pessoal está guardado um pouco da vida, da história, da memória de seu titular. O arquivo é uma reunião de documentos, objetos, que reflete as atividades de um indivíduo. E é também evidente que, por meio desses materiais, de seu estudo e análise, algo podemos apreender, descobrir e construir sobre seus donos. Porém, essa busca do passado, de uma história, dentro de um arquivo, é um caminho tortuoso e complicado. Repleto de lacunas, labirintos. Não é puramente uma narrativa completa, contínua.

Como nos diz Luciana Quillet Heymann (1997, p. 41- 66), em seu texto “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso

⁴ Na visão de Jacques Derrida, o arquivo literário é uma *instituição* e, dessa forma, possui os seus responsáveis. Esses podem ser o próprio autor, a família, herdeiros de qualquer instância, pesquisadores etc. A todos estes guardiões, Derrida chama de *Arcontes*, termo que na antiga civilização grega designava os magistrados superiores que possuíam o poder político de fazer e representar as leis, a autoridade publicamente reconhecida, que interpretava os documentos oficiais sob a sua jurisdição. Ainda para o filósofo, quem trabalha com arquivo sofre do *mal de arquivo* porque ao classificar, selecionar, escolher este ou aquele documento para ser analisado sob um determinado aspecto, já está impondo o seu ponto de vista, fazendo os seus recortes de forma pessoal e quase inconsciente. Os dois mencionados termos serão aprofundados futuramente.




Filinto Müller”, fontes primárias, documentos, papéis, fotografias, podem revelar o que não se conhecia ou o que estava invisível na história e no mundo social. Contudo, há um risco que deve ser ressaltado nesse tipo de material.

Não podemos, conforme ela, analisar a "papelada" guardada como um local protegido, seguro, no qual se encontram os registros da vida, dos pensamentos do indivíduo. Não devemos também entender o arquivo pessoal como um espelho, um refletor, da vida de seu titular, que, ao ser utilizado, permiti-nos resgatar, reconstituir, todas as atividades desenvolvidas por ele. Isso porque é possível não haver equivalência entre história de vida e arquivo pessoal. Esse é um dos equívocos que ela levanta em seu artigo. Associarmos diretamente um ou outro, isto é, trajetória pessoal vivida e os “rastros”, as marcas, deixadas.

Outro problema discutido é o de idealizar o arquivo como "a memória", algo fechado, em estado puro, de seu titular, ou seja, como o resultado de um processo, planejado, de selecionar o que ficará, o quanto ficará e como ficará. Um erro, que, segundo ela, é percebido como tal ao pensarmos nas diversas interferências que essas fontes (documentos contidos em arquivos de ordem pessoal) podem sofrer, como, por exemplo, processos de seleção, de reorganização interna, de descarte, consequentes do “caráter mutável e polissêmico da memória, (re) atualizável a cada momento”. (HEYMANN, 1997, p. 44).

A estudiosa aponta ainda que um arquivo pessoal, se pensado sob a visão ilusória de ser um bloco fechado, uma unidade, um acúmulo documental “concomitante e homogêneo com relação aos ‘fatos’ relevantes da vida do titular” (idem), poderia apresentar uma concepção narrativa passível e possível de ser comparada à sequência descritiva dos inventários, nos quais a organização documental, geralmente, é efetuada acompanhando-se a cronologia da vida do proprietário. Neste cenário proposto, não existiria a ideia dos espaços em branco, dos silêncios, das lacunas documentais, das ações de agentes externos e internos — que de fato há e deve ser considerada ao pensarmos no contexto de construção de um acervo pessoal, que pode ter sofrido interferência de terceiros e de seu titular— e também das modificações ocasionadas, ou que serão ocasionadas, pelo próprio trabalho arquivístico empregado. Muitos fatores que jogam por terra esta visão do arquivo pessoal como algo fechado, completo, a ser lido e totalmente apreendido. Quisera ser tão simples.



Assegura também que o trabalho do arquivista ou documentalista realiza uma “monumentalização”, muitas vezes criada desde o início de sua constituição, especialmente no caso de arquivos de homens públicos.


Os arquivos, “instituições- memória”⁵, usando termo de Jacques Le Goff, portanto, como pudemos constatar por meio do que foi exposto, corresponde a um local de pesquisa que deve ser utilizado com muita cautela, por apresentar certos problemas e “perigos”.

Prosseguindo com a nossa reflexão acerca dos arquivos, de uma maneira geral, Menezes (1999)⁶ afirma que o *status* da memória é muito problemático e, com base nessa afirmação, aponta cinco dimensões desse problema: a epistemológica, a técnica, a existencial, a política e a socioeconômica.

Na primeira, diz que o que está em questão é a própria noção de passado e as relações com ele estabelecidas, em particular a que diz respeito ao conhecimento e à representação intuitiva. Afirma que há uma ruptura entre passado e presente e que não se tem mais, no caso, a imagem sincrônica, como a que encontramos na foto de família. Profere que é como se o passado fosse apenas um “antes”, com relação ao “agora”. A segunda dimensão diz, conforme o pesquisador, respeito a um progressivo processo de externalização da memória, que já tem início na modificação das sociedades orais em quirográficas e se acentua com a difusão da alfabetização e da escrita (avigora-se de maneira expressiva com a invenção da imprensa e chega a seu ápice com os registros eletrônicos). Como salienta o estudioso, o problema não se encontra na presença dominante das bases de dados eletrônicos (sem lembranças, recordações, reminiscências), nem na intermediação extrema e intensa, mas, sim, na “[...] qualificação do juízo crítico e sensibilidades políticas desse homem, que poderá ser desmemoriado, embora detentor de poderosa memória artificial”. (MENESES, 1999, p. 15). A terceira dimensão, a dimensão existencial, corresponde, conforme o pesquisador, a outra dimensão à cerca do problema da memória, porque pelo fato de não mais existir a memória “espontânea” é que seria preciso a criação, fora das práticas, da memória vicária e seus “artificialismos”, como os arquivos, museus e monumentos.

⁵ O referido termo citado encontra-se no livro *História e memória*, de Jacques Le Goff, na página 429.

⁶ Trata-se do capítulo “A crise da memória, História de documento: reflexões para um tempo de transformação”, presente no livro *Arquivos, Patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*, organizado por Zélia Lopes da Silva.




Por sua vez, a dimensão política corresponde às pressões de amnésia vigorantes em sociedades, como a nossa, na visão do pesquisador. O contexto, conforme nos lembra Ulpiano T. Bezerra de Menezes, mais amplo das práticas sociais da memória é o da comunicação de massa e da indústria cultural, que priorizam a experiência do transitório e “abominam” (citando palavras do próprio estudioso) a memória dita longa. Por esse fato, segundo ele, apresenta “caráter estruturalmente anestésico”. Finalizando sua reflexão, o pesquisador cita pensamento de Adorno e Horkheimer, no qual toda reificação equivale a uma forma de esquecimento. Sobre a última dimensão, a socioeconômica, ele aponta que o foco é a “sociedade de informação” e, principalmente, a “economia da informação”, cujas variáveis interferem direta ou indiretamente no campo da memória. Nessa visão, a sociedade em si, como tal, torna-se campo aplicativo da tecnologia da informação, segundo Meneses (1999). E prossegue dizendo que a difusão da comunicação mascara as condições de centralização presente na produção. Conforme ele, doutra parte, a indústria cultural, a comunicação de massa, e a circulação “capilar” de documentos e dados (internet) propõem trocas intrinsecamente igualitárias. Porém, como salienta, seus efeitos de controle e eliminação, por meio de filtros técnicos, econômicos, políticos e sociais são conhecidos.

Para o pesquisador, ainda como vemos em seu capítulo, a memória deve ser o “objeto” da História e não o seu “objetivo”. Cito: “[...] A História não deve ser o duplo científico da memória; o historiador não pode abandonar sua função crítica; a memória precisa ser tratada como objeto da História”⁷.

Ainda nas palavras de Ulpiano, a produção do conhecimento histórico deve ser indissociável do conhecimento (histórico) da produção do documento, no seu sentido mais amplo. Segundo ele, há uma necessidade de historicizar a memória e de estreitar a “solidariedade” do labor documental (em todas as suas instâncias) e da produção do conhecimento histórico.

No arquivo do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, do escritor Achilles Vivacqua, encontram-se, aproximadamente, 900 documentos, dentre eles, alguns manuscritos (inéditos) e outros datilografados, sendo esses: correspondências (originais e cópias autenticadas em cartório); produções literárias do escritor; críticas publicadas em jornais e revistas da época; fotos diversas; exemplares de livros, revistas, jornais

⁷ Ibidem. P.22



etc.; objetos pessoais do escritor, dentre outras coisas. Todo esse conjunto de materiais e objetos foi de Achilles Vivacqua, e, por esse fato, estão impregnados de pedaços de momentos de sua vida. E não, recuperando e reforçando ideia já exposta, a sua trajetória, sem lacunas, interrupções, interferências, criações.

Na visão de Antônio Carlos Villaça, em seu capítulo presente no livro *Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas*, organizado por Zélia Lopes da Silva⁸, arquivo consiste em um conjunto de documentos arranjados de maneira orgânica, cujas informações presentes possibilitam reflexões acerca da vida de seu proprietário. Trata-se, portanto, de um processo de elaboração, a partir dos dados, informações, presentes. Construimos mais do que apreendemos pura e simplesmente.

Por meio das investigações das caixas que foram doadas ao Acervo, e, também, da organização e estudo do arquivo do escritor, aprendemos um pouco sobre a sua vida, sua família. Mostremos algumas dessas descobertas⁹.


No percurso da nossa caminhada pelo universo íntimo do escritor em questão, descobrimos a grande paixão e admiração que possuía pela cidade de Belo Horizonte; anunciada em alguns de seus textos literários e presente nos testemunhos de amigos e familiares, registrados em ofícios, textos publicados em periódicos, por exemplo.

Nascido no estado do Espírito Santo, em 02 de janeiro de 1900, e falecido em Belo Horizonte em 1942, ou seja, capixaba por nascimento, considerava-se mineiro de coração. Era membro de uma numerosa família, conhecida como “os Vivacquas”. Uma de suas irmãs, Dora Vivacqua, é a nossa conhecida, controversa e polêmica *Luz Del Fuego*.

A casa onde residiu, o casarão da família, desempenhou na época o papel dos salões, verdadeiros ambientes culturais, nos quais ocorriam sarais, serenatas, encontros de intelectuais. Este importante espaço para o cenário cultural da cidade de Belo Horizonte nos anos 20 ficou conhecido como Salão Vivacqua — título atribuído, conforme relata Eunice Vivacqua em suas memórias, por Drummond ou Pedro Nava, que, assim como outros escritores, eram frequentadores assíduos do Salão —. Foi nos corredores do casarão dos “Vivacquas” e, também, na Praça da Liberdade, nos espaços

⁸ A obra a qual fazemos aqui referência é *Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas*, organizada por Zélia Lopes Silva, publicada pela editora UNESP: FAPESP, de São Paulo, em 1999.

⁹ Os dados biográficos do escritor, vida e obra, foram estudados durante os trabalhos como bolsista no AEM da UFMG e, posteriormente, reunidos na tese de dissertação. Ver (CARVALHO, 2013, p. 81- 84).



cotidianos, que surgiu o movimento modernista realizado em Minas, especificamente, aqui, na cidade de Belo Horizonte (VIVACQUA, 1997, p. 19). O Salão Vivacqua foi o berço do nascimento desses movimentos de reforma ideológica, cultural e literária.


Em 1920, ao contrair o mal da tuberculose, por expressa recomendação de seu médico, o Dr. Miguel Couto¹⁰, mudou-se com sua irmã, Maria, para Belo Horizonte. Aqui, os dois se hospedaram no Hotel Avenida, em pensões e sanatórios. Passado algum tempo, sua família mudou-se definitivamente para Belo Horizonte. Foi entre o sanatório Hugo Werneck, e outros, e a casa de sua família que se desenvolveu a vida e a produção literária do escritor Achilles Vivacqua. Para nossa sorte, o temido “mal do peito” não representou empecilho para que ele realizasse o seu ofício literário. Ao chegar à capital mineira, em pouco tempo, o jovem escritor criou laços com outros intelectuais da cidade mineira.

Em 1922, assumindo o pseudônimo de Roberto Theodoro, o escritor adentrou o mundo das letras, oficialmente. Participou ativamente do movimento modernista mineiro e fez parte do grupo da revista Verde, de Cataguases, colaborando no seu primeiro número, de 1927, como Roberto Theodoro, juntamente aos poetas Carlos Drummond de Andrade, Guilhermino César, Enrique de Resende, entre outros. Em suas crônicas de moda, assumiu o pseudônimo de Maria Thereza.

Ainda em 1927, atuou como redator-chefe da revista Cidade Vergel e como redator-secretário da revista Semana Ilustrada, que foi de grande relevância no processo de desenvolvimento da carreira literária do escritor, pois, ali, ele publicava várias de suas produções e se mostrava ao mundo.

Um ano depois, em 1928, fundou, juntamente a Guilhermino César e João Dornas Filho, um polêmico suplemento chamado leite crioulo. Consistia em um panfleto que representou um movimento de reforma do pensamento e da estética, tendo grande repercussão em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e se filiou ao movimento antropofágico de Alcântara Machado e Oswald de Andrade.

¹⁰ No período em questão, década de 20, os clínicos recomendavam o ar puro de Belo Horizonte como ideal para o tratamento da doença do peito. Belo Horizonte era considerada como cidade-sanatório. Como nos conta Eunice Vivacqua, irmã do poeta, “[...] Respirar o verde assentando-se debaixo das mangueiras dos grandes quintais, respirar a terebentina da sua seiva e chupar suas mangas douradas era sinal de cura, de vida” (VIVACQUA, 1997, p. 21). Além do alívio físico, a cidade contribuiu muito para aprimorar a alma do artista/poeta/escritor Achilles Vivacqua.



Em sua vida dedicada à literatura, produziu poesia, conto, novela, ensaios políticos e sociais, críticas. Um escritor que escapa qualquer tipo de categorização, rotulação, devido a sua versatilidade. Essas produções foram publicadas esparsamente em revistas e jornais, nacionais e estrangeiros, da época.


Também em 1928, consagrou-se, oficialmente, como escritor. Antes publicando em jornais e revistas esparsas, no citado ano, publicou, por conta própria, seu primeiro e, infelizmente, único livro: Serenidade. Dedicado à memória de Dona Margarida, sua avó paterna, trata-se de uma plaqueta¹¹ composta por seis poemas, não muito extensos: “Arrabalde”, “Nocturno de Belo Horizonte”, “Frade de Sabugo”, “Serenidade”, “Sentimental” e “Peregrino do Sonho”.

Em conclusão, apesar de tudo aqui exposto, dos problemas, das limitações, dos riscos apontados no processo memorialístico, histórico e nas pesquisas realizadas nos arquivos pessoais, não podemos descartar e negar a importância e o valor presente nas fontes primárias e no tipo de pesquisa aqui fundamentado.

Desta maneira, dando continuidade, agora no doutorado e com um olhar mais maduro e crítico, prosseguimos com as nossas investigações no campo de pesquisa aqui discutido e, também, defendido, reconhecido. Em nossa tese em desenvolvimento, em linhas gerais, queremos propor e investigar uma veia melancólica na escrita de Achilles Vivacqua — durante os nossos estudos, percebemos uma certa recorrência do que acreditamos ser uma condição melancólica do ser, que, no contexto estudado, dialoga com a condição real vivenciada pela pessoa empírica do escritor em questão. Intencionamos identificar, sinalizar, essa melancolia e investigar como, quando ela ocorre.

Além disso, analisaremos, de maneira elaborada e crítica, a obra Serenidade, já evocada, dando vida a um projeto de edição crítica, como forma de levá-la ao universo editorial e, conseqüentemente, ao público, de maneira mais eficaz e abrangente, e, também, de preservação, pois os exemplares presentes no AEM datam de 1928. Logo, estão vulneráveis devido ao fator tempo e aos processos de modificações e deterioração aos quais todo arquivo, livros e fontes primárias estão sujeitos a sofrerem. Na dissertação de mestrado, já citada, realizamos o estudo dela e dos poemas presentes (ver

¹¹ Segundo o verbete original que pesquisamos, no dicionário virtual Caldas Aulete, refere-se a um livrete, folheto, pequena brochura de poucas páginas. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/plaqueta>> Acesso em: 24 de setembro de 2017.



CARVALHO, 2013, pg. 184- 203) — além de termos mostrado um pouco, de maneira geral, a recepção crítica do único livro de Achilles Vivacqua —. Porém, mesmo assim, pretendemos retomá-la e estudá-la mais a fundo, dando vida a novas leituras e análises — isso, pois, ao revisitarmos textos já analisados, conferimos a ele novos olhares, já que estamos em constante processo de mudanças, amadurecimento, fazendo com a o ato da leitura seja por sua vez, também, modificado, ou melhor, reiniciado, como se fosse a primeira vez que mergulhamos nos textos que analisamos —. Além disso na ocasião do mestrado, não estávamos focados, necessariamente, no tema da melancolia. Logo, o olhar que pretendemos lançar agora é, também, em certa medida, diferenciado.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2006.


ARAÚJO, Laís Corrêa de. Festa é imagem e símbolo. In: VIVACQUA, Eunice. Salão Vivacqua: lembrar para lembrar. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais; Fundação João Pinheiro, 1997. 114 p. (Coleção Centenário). p. 15-17.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne- Marie Gagnebin. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

GUIMARÃES, César. “A imagem, signo da memória”. In: *Imagens e memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 15-18.

HEYMANN, Luciana Quillet. *Uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller*. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041/1180> (acesso em 25 de setembro de 2017).

LE GOFF, Jacques. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.



MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história de documento: reflexões para um tempo de transformação. In: SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas/* organizadora Zélia Lopes Silva. – São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. – (Seminários & Debates).

SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas/* organizadora Zélia Lopes Silva. – São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. – (Seminários & Debates).

VIVACQUA, Achilles. *Serenidade* (poemas). Edição do autor: Belo Horizonte, 1928.

VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais; Fundação João Pinheiro, 1997. 114 p. (Coleção Centenário).

Locais pesquisados:

Biblioteca Central da UFMG

Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG

Acervo de Escritores Mineiros da UFMG